



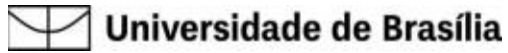
Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

**A Revolta dos Malês na obra literária A Noite dos Cristais: (1835)**

**Lucas Moreira Sampaio Batista**

**Brasília**

**2022**



Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Orientadora: Profa. Dra. Eloísa Pereira Barroso

Aluno: Lucas Moreira Sampaio Batista - mat. 14/0150994

### **A Revolta dos Malês na obra literária A Noite dos Cristais: (1835)**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado/bacharel em História

Brasília, 2022

### **A Revolta dos Malês na obra literária a Noite dos Cristais: (1835)**

**Resumo:** A Revolta dos Malês (1835) foi uma revolta que expôs as dualidades e atrasos do sistema escravista brasileiro, assim como os preconceitos religiosos e étnicos. Esta revolta escrava urbana vem sendo amplamente discutida e estudada, tanto no campo historiográfico, quanto no campo da literatura. O presente trabalho visa traçar uma reflexão histórica a respeito do acontecimento do levante dos malês, que ocorreu no dia 25 de janeiro de 1835. A partir da utilização da literatura como mais uma possibilidade de compreensão do evento histórico, o presente artigo analisa, por meio da interpretação da obra literária, A Noite dos Cristais, as possíveis consequências e fatores que causaram a derrota dos revoltosos.

**Palavras-chave:** Revolta dos Malês; A Noite dos Cristais; Literatura; Salvador; revolta escrava

## A Revolta dos Malês: um breve contexto

Na agitada década de 1830 a 1840, por todo o Brasil se espalham registros de revoltas, de levantes populares. Pode se afirmar que a grande marca deste período foram as revoltas provinciais, as quais ocorreram em diversas regiões do país. Tais revoltas tinham em comum as insatisfações políticas, as disputas políticas locais, insatisfação popular com a pobreza e a desigualdade. Assim, percebe-se uma corrente de revoltas nesses tempos turbulentos sendo alguns exemplos dessas condições tu a eclosão de:

Movimentos como a Confederação do Equador em Pernambuco, a Balaiada no Maranhão, a Cabanagem no Pará e a Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul – para citar uns poucos –, todos expressaram a inquietação de classes e grupos sociais para os quais a Independência não parecia oferecer chances de uma vida melhor. (REIS, 2003, p. 45)

Nesse contexto conflituoso, ainda há as disputas acirradas em razão da abdicação de Dom Pedro I em 1831, o que ocasiona no cenário político do Estado Imperial Brasileiro um vazio de poder, haja vista a impossibilidade de ascensão ao trono de Dom Pedro II em virtude da sua pouca idade. A solução política encontrada foi o estabelecimento do governo regencial. Assim entre 1831 até 1840, período em que acontece o evento histórico conhecido como o “Golpe da Maioridade”, também foi marcado por diversas as revoltas, dentre as quais está a Revolta dos Malês.

Conforme José Reis (2003), foi nesse cenário que a maior revolta de escravizados do Brasil foi protagonizada por africanos de origem nagôs, em sua grande maioria, haussás e tapas (conhecidos também como nupes).<sup>1</sup> Nesse momento a questão política e o Levante dos Malês se associa diretamente ao fenômeno da escravidão no Brasil, na medida em que os Malês são, em sua maioria, africanos nagôs islamizados escravizados que viviam na cidade de Salvador.

---

<sup>1</sup> Os rebeldes que participaram da revolta advinham de diversos territórios do continente africano. E para realizar essa classificação se recorreu a elementos comuns para classificar a origem étnica, sendo que os nagôs e haussás foram os principais grupos presentes na Revolta dos Malês. A língua falada era um critério utilizado para distinguir esses grupos, os nagôs eram falantes da língua Iorubá já os haussás da língua haussá. Sendo que: “Durante a primeira metade do século XIX se redefiniu o cenário étnico africano na Bahia. O fluxo do tráfico transatlântico nesse período, ligado aos conflitos em solo africano, alterou a distribuição das nações em favor dos africanos iorubás (chamados de nagôs na Bahia), diversos falantes de fon e outras línguas gbe (os nossos jejes), haussás (nos documentos contemporâneos também escritos uça, ussá ou auçá), nupes (tapas) e demais grupos que viviam nas bordas e no interior do golfo de Benin, particularmente o antigo reino do Daomé, na atual República do Benin, e a maior parte da Nigéria de hoje. Estima-se que pelo menos 234400 escravos tenham sido exportados daquela região para a Bahia entre 1801 e 1830” (REIS, 2003, p. 307-308)

Em decorrência das pressões e condições em que viviam os escravizados em Salvador, se estabeleceu o que João José Reis classificou de “tradição rebelde” nas primeiras décadas do século XIX, havendo nesse solo condições formadas anteriormente para que ocorresse um levante de grandes proporções como foi o Levante dos Malês.<sup>2</sup>

Em janeiro de 1835 na cidade de Salvador na madrugada do dia 24 para o dia 25, ocorreu o episódio de uma rebelião escrava urbana que ficaria marcado na História como a Revolta dos Malês. Esse evento histórico foi amplamente debatido e apresenta uma riqueza documental muito grande, de um lado porque os próprios revoltosos produziram muitas provas documentais de seus costumes e práticas culturais, por outro, as autoridades encarregadas na repressão também produziram fontes importantes advindas do julgamento dos acusados de terem participado na revolta.

O levante ocorreu na noite de celebração de Nossa Senhora da Guia. Tal acontecimento histórico foi planejado para ocorrer nessa data devido a melhor viabilidade da organização em decorrência das festas no bairro do Bonfim, pois durante os festejos a vigilância era menor em Salvador. Na noite do dia 24 de janeiro o plano dos rebeldes perdeu um elemento que era crucial para a realização dos objetivos, o elemento surpresa foi lesado devido a uma denúncia, que precipitou os planos e causou a necessidade de a luta ocorrer de forma antecipada. A duração do evento foi curta, sendo que em poucas horas o conflito estava controlado, contudo as repercussões foram duras.

O conflito ocorreu em um contexto desfavorável aos revoltosos, pois em virtude das circunstâncias de necessidade de antecipação do movimento de levante, menos pessoas participaram, desta forma os escravos foram debelados pelo poder do estado. Assim, o pouco contingente disponível para a luta foi rapidamente dominados pelas forças de repressão. Essas agiram após uma denúncia e controlaram o levante durante a madrugada do dia 25 de janeiro de 1835. Os rebeldes munidos, em sua maioria, com armas brancas e algumas poucas armas de fogo padeceram em uma batalha rápida, porém essa batalha mudaria os rumos do escravismo no Brasil e da repressão sobre os africanos. A punição aos envolvidos nos planos e execuções dos atos da Revolta dos Malês foi dura e cruel para “salutar efeito do exemplo”,

---

<sup>2</sup> Essa tradição rebelde é responsável pelo acontecimento de algumas revoltas escravas e serve de contexto para a explosão do movimento dos malês: “Invariavelmente os rebeldes foram derrotados, em alguns casos de maneira brutal, mas essa insubmissão permanente criou uma tradição de audácia que impregnaria as relações escravistas na Bahia nesse período. Quando os malês organizaram a rebelião de 1835, eles o fizeram, em grande parte, como herdeiros dessa tradição” (REIS, 2003, p.69)

sendo os castigos um ponto importante para análise historiográfica, assim como a deportação em massa que ocorreu após o levante.

A repressão passou pelo conseqüente endurecimento da perseguição à cultura e as tradições de costumes africanos. Muitos africanos escravos e libertos foram presos após o levante dos malês de forma injusta, parte significativa de africanos libertos foi deportada e, para os escravizados imputou-se a execução de castigos públicos de açoites, em que as penas variaram de 50 a 1200 açoites. (REIS, 2003, p. 451)

Após a revolta, muitos atos de cunho repressivo ocorreram, assim como a criação de diversas leis para reprimir a população escrava, as repercussões destas ações foram sentidas na cidade de Salvador, principalmente pela população africana.

A revolta empreendida em Salvador no ano de 1835 é de grande complexidade e envolve aspectos como: classe, etnia e religião, tendo sido abordada por estudiosos tanto da História, como da Literatura. Com o fito de compreender os discursos produzidos sobre a revolta dos Malês, este artigo busca compreender como a obra literária “A Noite dos Cristais” (1999), de Luís Fulano de Tal, pseudônimo de Luís Carlos de Santana constrói uma narrativa sobre este evento histórico.

Na análise da obra literária é fundamental investigar os fatores socioculturais e como eles atuam para entender a obra de forma mais aprofundada levando em conta o texto e o contexto social. Ao investigar as influências concretas dos fatores socioculturais sobre a obra literária Antônio Cândido aponta que:

É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. (...) Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos na forma e conteúdo da obra; os terceiros na sua fatura e transmissão (CANDIDO, 2006, p. 31)

Desse modo, cabe destacar que o processo de criação da obra literária envolve diversos fatores socioculturais complexos, que devem ser analisados em conjunto e de forma dialogada para não se perder de vista a importância dialética de cada fator. Sendo que esses fatores atuam no momento de produção e recepção da obra “Eles marcam, em todo caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões de sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.” (CANDIDO, 2003, p.31)

Sendo assim, é fundamental estabelecer as conexões e as formas que o contexto social age sobre a obra artística literária, sem se reduzir a análise a psique do artista como a única forma de explicação e também sem se prender somente ao contexto social como forma única de análise. É essencial considerar todos os momentos de produção da obra, que inclui também sua recepção por parte do público, levando em conta que o texto é apresentado por meio de um discurso que inclui como um aspecto dinâmico e um dos elementos comunicativos.

na medida em que o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra, e na medida em que ambos se moldam sempre ao público, atual ou prefigurado (como alguém para quem se exprime algo), é impossível deixar de incluir na sua explicação *todos* os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bitransitivo por excelência. (CANDIDO, 2006, p. 32)

Pontuados esses aspectos sociais que devem ser considerados na composição da obra literária, um aspecto primordial para a presente análise é a ideia de discurso. No que tange o conceito de discurso, o autor Bakhtin apresenta uma contribuição importante ao analisar a presença da situação extraverbal, que contextualiza a forma de escrita do autor e compõe o texto como um elemento de análise.

Na vida, o discurso verbal é claramente não auto-suficiente. Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com essa situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação. (VOLOSHINOV, BAKHTIN, p.6 ,1976)

O discurso é apresentado como elemento constituinte da escrita da arte literária e é um fenômeno envolto por uma complexidade que se mostra oculta, que deve ser desvelada pela análise a fundo da obra literária para assim compreender os significados postos nas entrelinhas. O significado por si só da linguagem carrega diversas potencialidades e peculiaridades para a análise no campo da história, sendo um conceito chave para a apreensão de significados novos e que podem sempre ser reatualizados dependendo da visão que é utilizada para compreender a escrita do texto em questão. Dessa maneira, o discurso se apresenta como uma possibilidade de análise para se entender tanto os aspectos verbais do texto, quanto os aspectos singulares que nascem no campo social e servem de base para a escrita e integram sua estrutura de forma dinâmica.

Assim, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Conseqüentemente, um enunciado concreto como um todo

significativo compreende duas partes: (1) a parte percebida ou realizada em palavras e (2) a parte presumida. (VOLOSHINOV, BAKHTIN, p.8 ,1976)

Assim, tendo colocado em questão os aspectos sociais que compõe a obra literária e o discurso, cabe ao estudo da literatura em conjunto com as bases da pesquisa historiográfica, situar a análise da obra “A Noite dos Cristais” no campo interdisciplinar. Para isso levantarei questões com base na escrita ficcional da obra que levam questionamentos que corroboram para a análise da revolta escrava urbana empreendida pelos malês, que será um elemento para compreender o cotidiano da cidade de Salvador as vésperas da Revolta dos Malês. Além disso, o autor da obra literária levanta questões do seu tempo presente, que no caso data da década de 1990, sendo escrita em 1995 e publicada em 1999, essa situação suscita a análise de como é a situação dos percalços até a publicação de sua obra para autores que compõe a literatura afro-brasileira.

A história em conjunto com a literatura apresenta diversas potencialidades o diálogo entre as áreas, pode sempre ser sempre ser renovado de modo a apresentar novos elementos dependendo da perspectiva utilizada. No presente artigo, utilizamos a historiografia para entender a Revolta dos Malês e o contexto de repressão que é expresso na obra literária na trajetória de Gonçalo e de sua família, que sofrem na pele as consequências da repressão, em virtude do preconceito racial, religioso e étnico. Destarte, o aspecto ficcional da obra literária institui uma realidade própria que pode propiciar reflexões importantes para o terreno da história, que por meio de uma visão interdisciplinar pode conjugar na análise pontos importantes para o entendimento de acontecimentos históricos como a revolta escrava urbana empreendida em janeiro de 1835 pelos malês.

A riqueza documental da análise de obras literárias é de grande importância para o campo da historiografia, esse tipo de documento faz frente ao positivismo e cientificismo que imperou na disciplina histórica durante séculos. As obras literárias permitem abordagens analíticas que rompem com a lógica de uma história linear e una. O livro a Noite dos Cristais aponta diversas questões interessantes no que tange os aspectos da revolta dos Malês e as suas consequências para a população livre e escravizada em Salvador. O autor utiliza acontecimentos e personagens reais que influenciaram na construção e idealização da revolta e a partir desses aspectos é possível tecer reflexões partindo da obra ficcional, para pensar sobre os aspectos experienciados e as consequências causadas pela revolta no cotidiano da cidade.



Na leitura do livro “A noite dos cristais” é possível perceber que o autor realizou um levantamento bibliográfico sobre a revolta dos malês, de modo que analisa o fato histórico e constrói uma ficção Levante. Como estratégias de composição da narrativa o autor utiliza a revolta – como um acontecimento no qual entrelaça a vida do narrador aos fatos vividos pelas personagens no contexto da revolta. A partir desta opção de construção ficcional, a obra literária, ao longo dos acontecimentos – apresenta consequências importantes da revolta para a estruturação da narrativa.

No que tange a história da obra literária em questão, o livro narra uma história que mescla temporalidades, contando a experiência de um estudante de francês que viaja para a cidade de Caiena na Guiana Francesa para praticar a fala da língua francesa e para entrar em contato com outras culturas. O narrador do livro relata que ficou hospedado em uma casa de pensão, na qual ele conheceu o marido da dona da pensão Benédicte, que tinha cerca de noventa anos, após uma semana de conversas eles se tornaram amigos. Em uma dessas conversas Benédicte revelou ter um maço de papéis que poderiam ser do interesse para o narrador do livro “–São escritos feitos por um negro fugitivo do Brasil.” (SANTANA,1999, p. 20). O autor na sequência relata do que tratavam os documentos “Eram anotações, rascunhos e desenhos. Não tinham datas e estavam em desordem (...) Eram as lembranças de Gonçalo, um homem que vivera no Brasil à época da escravidão e que um dia fugira para Caiena.” (SANTANA,1999, p. 21)

Esses documentos em questão serão a base que o narrador utilizará para contar a história de Gonçalo, porém é importante pontuar que o processo de escrita dessa obra se dá em um contexto em que o narrador perde os documentos e o processo de criação envolve também a imaginação por conta disso. “Não tenho mais os papéis comigo, foram tirados de mim por circunstâncias alheias à minha vontade. Tentarei reproduzir com exatidão tudo o que li, algumas passagens são produto do que a leitura reteve, outras, a maioria, correm por conta da imaginação” (SANTANA,1999, p. 21). Desse modo, a narrativa é pautada nesse documento, contudo o autor deixa claro o tom de ficção, pois ele próprio precisa usar recursos imaginativos para reconstruir essa análise, deixando assim claro o distanciamento por conta da ausência dos escritos na hora da elaboração do texto, deixando em aberto múltiplas interpretações. “Assim, quem os ler poderá também fazer uma releitura a seu gosto.” (SANTANA,1999, p. 21). Com esse artifício o autor deixa claro o caráter interpretativo e ficcional, dando espaço para a imaginação, que envolve a releitura dos acontecimentos da vida de Gonçalo.

O narrador aponta as motivações que envolvem a sua escrita “Por que resolvi escrever? Porque quero que saibam que em um passado não distante, homens vendiam outros homens, e que o futuro saiba que houve um tempo onde homens se sentiam mais humanos que outros.” (SANTANA,1999, p. 22). Este aspecto norteador da obra, da denúncia da existência de um regime escravista não tão distante, é o que motiva a escrita.

O livro explora uma temporalidade não linear, desde o início ao término, encerrando essa cronologia utilizando um outro acontecimento histórico para marcar esse contexto. No prefácio do livro escrito pelo tupinista Eduardo de Almeida Navarro é possível ver a dinâmica desta temporalidade marcada no seguinte trecho: “No mês de Ramadã, aos 1409 anos da fuga, de Meca para Medina, do profeta Maomé (com ele a bênção e a paz) – para os cristãos, dezembro de 1998 –” (SANTANA, 1999, p. 7). Fica perceptível, desse modo, que a obra escapa a um padrão estabelecido por uma cronologia sequencial de temporalidade. Assim, é importante contextualizar os acontecimentos do ano em que a obra foi produzida, o ano de 1995, ano em que ocorreu uma expressiva marcha do movimento negro em Brasília a “Marcha de Zumbi de Palmares”. Nesse contexto histórico, as lutas e disputas por projetos na sociedade tem forte influência na obra, como, por exemplo, a denúncia do sistema escravista. Este caráter de denúncia se repete, inclusive na finalização do livro, conforme o narrador o ano de: “1995, Ano Trezentos da Luta de Zumbi dos Palmares” (SANTANA, 1999, p. 119).

Levando em conta as peculiaridades da vivência social na literatura e no fazer histórico, levantar questões sobre a Revolta dos Malês, tendo como base a obra literária - “A noite dos Cristais” é um desafio que deve considerar as particularidades e as peculiaridades metodológicas do discurso artístico da literatura e no fazer histórico, no processo de leitura documental do historiador.

Uma referência importante está contida no título do livro. O nome noite dos cristais, embora ficcional, relaciona-se diretamente aos acontecimentos que ficariam marcados na história como a noite do levante, vejamos a passagem:

Os escravos que participavam do conluio riam à socapa. Era ardentemente desejado o momento em que invadiriam as casas senhoriais... quebrariam as louças... sim... sim... o lustre da sala... os penduricalhos... um trabalhão para limpar... ah... sim... a *cristaleira*... copos e jarras... delicados desenhos... finos contornos. Ah... certo... as taças!... com vinhos cor de sangue... as festas... as haras... os negócios... apoteose do brilho e esplendor. Sim... sim... e os bibelôs de nha-nhã...

Aquela seria conhecida na História como a noite dos cristais, não foi. (SANTANA, 1999, p. 83)

Dessa maneira, essa passagem mostra o fracasso das ações planejadas, pois diante dos combates que se espalharam pelas ruas de Salvador e que deixou um saldo de 70 mortos dos escravizados envolvidos e em nove mortes nas forças que lutavam contra os rebeldes. Com o fracasso dos revoltosos tratados nestas passagens, o narrador nos permite perceber questões pertinentes do que foi e do que poderia ser a história da Revolta dos Malês. No balanço da batalha, produzido pelas autoridades da época é perceptível que os rebeldes não estavam preparados para um conflito do jeito que se desenrolou.

Os rebeldes, aliás, não estavam preparados para uma luta convencional. Eles contavam com poucos homens, a grande maioria armada apenas com porretes, instrumentos de trabalho e armas brancas, sendo as melhores as parnaíbas alemãs, que alguns puderam contrabandear para seus quartos. (...) Mas essas armas brancas só poderiam ter funcionado com eficiência num corpo a corpo generalizado, isto é, num levantes de massas mesmo. (REIS, 2003, p. 150)

Desse modo, o conflito não se desenrolou como o planejado e o que era para ser a Noite dos Cristais, como é abordada na obra literária não foi. A primeira fase da luta se deu por um grupo reunido na casa de Manoel Calafete, as autoridades chegaram a essa casa por conta da denúncia e abalou os planos dos malês. No que tange a frustração do elemento surpresa, cabe ressaltar, que este foi um ponto crucial para os rumos da revolta, tendo em vista que isso levou quase a derrota dos rebeldes nesse primeiro momento:

Os relatos contemporâneos nos levam a crer que o grupo reunido na casa de Manoel Calafete, na ladeira da praça, e só este grupo, seria responsável pelo ato inicial da insurreição nas primeiras horas do dia 25 de janeiro. (...) Nesse caso, a frustração do fator surpresa, exatamente, no centro da operação, representou um golpe irrecuperável para o levante armado porque desestruturou a tática de mobilização insurrecional. Os rebeldes escaparam por pouco a um nocaute nesse primeiro *round*. (REIS, 2003, p. 146 - 147)

Continuando a reflexão sobre o título da obra literária, *A noite dos cristais* também faz referências a perseguição religiosa sofrida pelos judeus durante o regime nazista, esse ponto é abordado e é utilizado pelo autor para fazer um comparativo do genocídio sofrido pelos judeus com a brutalidade que o sistema escravista causou no Brasil. Numa entrevista concedida a Laís Maíra Ferreira publicada em 27 de agosto de 2020, Luiz Carlos Santana aborda essa questão do título

Todos sabem que a Noite dos Cristais ficou sendo a expressão que marca a noite que deu início oficial à perseguição nazista da Segunda Guerra. Foi um acontecimento de lesa-humanidade, e é, felizmente amplamente discutido e divulgado através de filmes, livros, reportagens, documentários, depoimentos, museus, centros culturais, etc... E o mundo tem

que conhecer e discutir todo aquele horror para que nunca mais aconteça. O holocausto com os povos negros vem acontecendo já bem antes do holocausto da guerra, e aconteceu o holocausto com os povos negros durante a Segunda Guerra, e acontece hoje e agora, desde depois da Segunda Guerra. E o mundo fica em silêncio... Daí o título... A Noite dos Cristais.<sup>3</sup>

Com essas passagens podemos perceber os sentidos dados ao título da obra literária, tanto no próprio texto da obra, quanto na passagem da entrevista do autor supracitada. Os significados dados pelo autor corroboram com a visão de denúncia e de reflexão que a Noite dos Cristais aponta sobre os eventos históricos cometidos durante o período do regime escravista no Brasil.

O trabalho histórico atrelado à literatura apresenta muitas possibilidades e formas de se analisar as presenças do social na obra literária, pois o elemento subjetivo, presente na trama permite múltiplos olhares partindo da produção literária em questão. Diante disso, observa-se que a presença do social influencia diretamente nos três momentos da produção artística: *autor, obra e público* como aponta Cândido (2003, p.32). Dessa forma, os fatores sociais e subjetivos atuam de modo integrado, cabe na análise do presente artigo pensar de forma dialética e em conjunto com a história os múltiplos aspectos que perpassam a concepção da obra literária enquanto participante de um contexto social específico que influencia o norte da obra, no caso deste estudo, a Revolta dos Malês.

O livro de Luís Fulano de Tal traz o caráter da denúncia, a obra aborda aspectos interessantes do momento de concepção da obra e o caráter social que influem sobre a produção artística. No livro o sistema escravista é o grande alvo dessa denúncia, o público alvo que o autor visa é exposto na dedicatória do autor “Dedico estes escritos aos excluídos, despossuídos e outros idos do Brasil”. Assim, há uma orientação do autor e um objetivo com a publicação da obra, que será ou não, absorvido e apreendido pelos leitores que dão a significação ao conteúdo escrito de acordo com suas vivências particulares. Esse texto, apresenta pontos importantes para se compreender o processo de produção artística, que é altamente influenciado pelo fator social nos seus múltiplos aspectos. Estudante de Letras na faculdade da USP à época da escrita da obra, - “Conta o autor em seu ‘Ledor’ que o livro foi parido no Crusp – o alojamento da USP – entre janeiro e março de 1995.” (COSTA, 1999, p. 212). Dessa forma, o contexto em que o autor estava inserido foi influenciado pela convivência em um ambiente universitário, o que propiciou a elaborar suas ideias a partir do diálogo com diferentes áreas do saber. A exemplo destas possibilidades está a evidência de

---

<sup>3</sup> Entrevista disponível no website: <https://ruidomanifesto.org/lais-maira-ferreira-entrevista-luis-fulano-de-tal/>

uma pesquisa histórica minuciosa, pesquisa esta utilizada para vincular dados do fato histórico a elementos da obra literária, tal como os nomes dos personagens, passagens de acontecimentos da revolta, entre outras questões. Além disso, ao final da obra o autor se preocupa em fornecer uma indicação bibliográfica para enriquecer o conhecimento a respeito da Revolta dos Malês e o contexto de Salvador como aponta no seguinte trecho: “Ao final do volume, segue, aos interessados, brevíssima sugestão de leitura.” (SANTANA, 1999, p. 11)

Diante dos fatos histórico, o autor através da verossimilhança apresenta uma realidade fragmentada, na qual o mundo objetivo da Revolta dos Malês pode ser conhecido em apenas algumas das infinitas facetas que possui. Assim, o narrador interpreta as vivências de Gonçalo, um personagem que está inserido no cenário da Salvador oitocentista, perpassada por conflitos de forças sociais e políticas. A partir de suas memórias tece o cotidiano da cidade marcada pelo escravismo. Um dos fatores fundamentais para analisar a perspectiva do personagem é o caráter subjetivo da escrita, que utiliza as fases da infância e da juventude sem se ater as datas, que fogem a memória e terá como guia as recordações, deixando assim a lacuna de marcos temporais precisos e fixos. O ambiente familiar do personagem será então apresentado e interpretado por seus sentimentos e suas percepções do mundo e de seus familiares. Assim, a família de Gonçalo terá a importância de expor, a partir de suas peculiaridades, as bases da cidade de Salvador real, que terá a imagem do seu quadro pintado, a partir dos personagens, das suas singularidades e do seu cotidiano.

Os pais de Gonçalo se chamavam Amaro e Flora Maria, do seu pai é feita uma rica descrição física que é importante, pois mescla distinções que apresentam um pouco da história de vida e servia para reconhecer de onde ele advinha. “Meu pai Amaro era um homem de mais de cinqüenta anos, da nação haussá, (...) Seus largos ombros possuíam três marcas; uma da tradição de seu povo, uma segunda de quando foi vendido na África, e outra que recebeu quando desembarcou de um negreiro no Brasil” (SANTANA,1999, p. 22). Seu pai era instruído no Alcorão, mas renegava a fé islâmica, e também não aceitava a fé católica tendo em vista que essa fora usada para justificar sua escravidão. Amaro é um personagem preocupado com o bem-estar, a educação e a liberdade de seu filho, pois casou-se somente após conquistar a alforria e tornar-se liberto para que seu filho não enfrentasse o destino dos grilhões como ele.

Outra figura importante da família de Gonçalo é sua avó materna Ombutchê, a qual é descrita como uma animista, pois praticava as tradições que remontavam aos costumes do

continente africano, sendo uma ponte de conexão com os saberes advindos de sua terra e uma figura que conservava os valores que lhe foram ensinados. “Minha avó Ombutchê era da nação nagô e de uma velhice milenar como a própria África. Era animista e possuía ainda os modos e costumes de seu povo” (SANTANA,1999, p. 24). Sua avó será uma figura que encarna os males da escravidão em sua história, pois ela tivera vários filhos, contudo o seu destino fora traçado pela covardia dos homens que tomavam seus filhos e os vendiam. “Não criava nunca seus filhos, mal começavam a andar eram tomados e vendidos.” (SANTANA,1999, p. 25).

Desse modo, a avó de Gonçalo encarna as presenças das brutalidades acometidas pelo sistema escravista, ela é uma figura importante de se analisar, pois mantém costumes e tradições do continente africano, além de ser o elo dos seus familiares com o continente africano.

No que concerne a mãe da personagem central do livro, ela tem um papel fundamental, pois ela encarna os valores de Ombutchê, que carrega os costumes africanos e ao mesmo tempo professa a fé cristã e vai a igreja, sendo uma figura peculiar pois retrata o aspecto do sincretismo religioso presente em Salvador. Ela tinha um nome cristão e era a única filha que a sua mãe pôde criar, tendo em vista que os outros filhos foram arrancados em tenra idade para serem vendidos e escravizados.

Flora, a mãe de Gonçalo manifesta em si os elementos de uma ganhadeira, uma mulher que trabalhava vendendo comida feita, e é descrita com grandes detalhes desde as suas vestimentas, a sua aparência e sua profissão “Tinha uma força descomunal, quando saía para trabalhar no seu ponto ao lado do Teatro Municipal, carregava sobre a cabeça uma grande cesta, onde iam as panelas com comida, molhos” (SANTANA,1999, p. 26). Flora ainda transita por aspectos religiosos multiculturais, na medida em que pratica a vivência cristã, indo a igreja aos domingos e ao mesmo tempo prestava homenagens aos deuses africanos, já que “Influenciada por minha avó Ombutchê, sabia o nome e o dia de cada deus africano: na segunda Exú-Omolú; na terça, Oxumaré; na quarta, Xangô-Yansam; na quinta, Oxóssi-Ogum; na sexta Obatalá; no sábado Oxum; e no domingo... no domingo minha cidade era São Salvador da Bahia de Todos os Santos. (SANTANA, 1999, p.29). Assim, o cenário da cidade de Salvador vai sendo descrito detalhadamente a partir da intimidade da vida em família de Gonçalo e, ao mesmo tempo, pelos aspectos do trabalho de uma sociedade escravista. O narrador, a partir da narrativa literária possibilita compreender os elementos que caracterizam

as vivências do cotidiano de Salvador na época que eclodiu a Revolta dos malês. A obra apresenta a partir da ficção os aspectos que perpassam a realidade concreta de uma Bahia da década de 1830, que é marcada pela diversidade das nações, fés, etnias e costumes, que sobrevivem mesmo em meio ao catolicismo, que se impõe como religião oficial do país.

O aspecto religioso será importante para decifrar os principais motivos para a explosão da rebelião e é utilizada como um marcador para a repressão após a Revolta dos Malês, sendo que a fé islâmica serve como principal elemento organizador do movimento atuando como um fator marcante para a perseguição e para acusação e punição. Inclusive para a vida do personagem central Gonçalo, que terá sua vida totalmente mudada por conta dos acontecimentos após a Revolta dos Malês, seus pais serão punidos por um motivo forjado, causando a sua deportação para o continente Africano.

Para indenizar o Império por perdas e danos fui resgatado como escravo e vendido junto com outros escravizados para os engenhos de Pernambuco.

Meus pais partiram para a África; já no cais acenando senti o tilintar das correntes. Iniciava-se uma nova fase em minha vida.

Pela primeira vez senti o peso da palavra escravidão. (SANTANA, 1999, p. 94)

Gonçalo terá de lidar com a vida sem os pais e ele será submetido a escravidão e enviado para o estado de Pernambuco. Todo esse turbilhão na vida de Gonçalo ocorrerá por conta de uma visita que Mala Abubakar, um dos líderes religiosos da Revolta dos Malês, que visita sua casa tentando recrutar Amaro, o seu pai para o levante dos malês. Essa visita motivará uma batida policial na casa de Gonçalo e levará a conseqüente punição de deportação para os seus pais, essa batida policial causará um trauma para a sua avó, que à levará ao óbito e Gonçalo será colocado em um regime de escravidão em Pernambuco. A cena da morte de sua avó é retratada da seguinte maneira durante a batida policial:

Minha avó Ombutchê, arrastando-se pelo chão, voltou para o seu canto, arrumou as tralhas, deitou-se e disse:

– Exu voltou! Exu voltou! Mama África chama.

Pela manhã estava morta. (SANTANA, 1999, p. 87)

A avó de Gonçalo a partir de sua expressão encarna o desespero frente a repressão que iria se colocar sobre sua família. No que tange a importância da revolta na vida do narrador, ele relata a mudança em sua vida ao falar sobre o novo rumo da história após denúncia que premeditou o movimento dos malês:

Existem brigas internacionais e de casais, estas embora no anonimato do lar fazem a história. Ocorreram na noite de vinte e quatro de Janeiro de hum mil oitocentos e trinta e cinco. Penso que tinha uns dez ou doze anos e elas imprimiram profundas mudanças na minha vida, na história da Bahia e quiçá do Brasil. Inacreditável (SANTANA, 1999, p. 80)

Nessa passagem supracitada é possível captar como os elementos das vivencias daqueles que participaram da revolta foram utilizados para embasar a narrativa da obra literária, de fato ocorreram denúncias que mudaram o rumo da Revolta dos Malês. O especialista na revolta, João José Reis proporciona um relato do fato em questão, num tópico de seu livro que é denominado de "A denúncia". Nessa passagem ele analisa os elementos que levaram a ocorrência das denúncias, que são citadas e utilizadas também pela obra literária em questão para compor sua narrativa. Diante disso, o autor da obra ficcional dá um "efeito de realidade" para a sua obra com a inserção de nomes reais desses momentos do dia 24 de janeiro, que fizeram a revolta ser premeditada por conta dessa denúncia do movimento. Os pontos que motivaram essas denúncias envolvem muitos aspectos subjetivos e a motivação é complexa.

Na rua de Guadalupe, em um cômodo de aluguel, cinco crianças choram e pedem pão a mãe, Sabina da Cruz, nagô emancipada que berra:

– Cale a boca peste! Vão dormir que a fome passa! Não sei onde eu estava com a cabeça.

– Não grite mulher dos infernos. Parece louca! Gritou Victório, preto nagô, pai de seus filhos e conhecido entre os muçulmanos como Sulê.

– Não se meta com isso, pelo amor de Deus! Eu sei das suas conversas com os homens dos saveiros. Não vá meu amigo!

– Cale a boca mulher! Já te falei. Amanhã os negros serão donos da terra.

Sulê colocou seu turbante e traje islâmicos, pegou vários facões guardados debaixo da cama, beijou seu patuá e saiu sem olhar pra trás. (SANTANA, 1999, p.81 – 82)

O episódio da briga em questão é ilustrado pela literatura com seus elementos ficcionais, partindo de um fato concreto e real que influenciou os rumos da Revolta dos Malês. Diante disso, é importante analisar quais foram os motivos para a denúncia de Sabina, que encontrou Guilhermina, com quem conversou e sua amiga expôs também sua vontade de denunciar o levante. Na seguinte passagem a obra ilustra a conexão de ideias das duas mulheres: "Guilhermina e Sabina da Cruz foram ao posto da cavalaria, e disseram em compasso: - Onde está o oficial?" (SANTANA, 1999, p. 82) nesta passagem a narrativa nos permite verificar como o autor da obra ficcional abordou essa convergência de ideias que



levaram a concretização da denúncia. Elas não realizaram a denúncia juntas como parece indicar a obra literária. Contudo, elas conversaram sobre o levante quando Guilhermina retornara da denúncia ao levante que ela realizara para o seu ex-senhor, sendo que esse ato: “Era uma prova de lealdade ao ex-senhor ou ‘patrono’, Firmiano de Souza Velho, lealdade que provavelmente lhe favorecera a própria liberdade” (REIS, 2003, p. 127). O acontecimento do encontro das duas denunciantes é narrado:

Na volta para casa, Guilhermina encontrou a comadre Sabina da Cruz, outra liberta nagô, que vinha ansiosa conversar sobre o mesmo assunto. Vinha falar de um dos conspiradores, seu companheiro Victório Sule, com quem tivera uma briga feia naquela manhã. Ao retornar à noite, depois de um dia de trabalho (vendia comida na Cidade Baixa), encontrou a casa de pernas para o ar. Victório, ausente, saíra levando roupas suas. Ela correu em busca do ‘pai de seus filhos’, e o localizou ‘em casa de uns pretos de Santo Amaro à rua do Guadalupe’. Na verdade, ela parece ter chegado à casa do africano liberto Manoel Calafete (REIS, 2003, p. 127)

A passagem sobre a denúncia suscita reflexões sobre o sistema escravista e as condições reais pelas quais passavam os escravos e libertos em Salvador no ano de 1835, essa realidade cruel faz com que até os familiares e companheiros discordem de participar ou não da revolta. A briga que levou a denúncia, relatada tanto pela obra literária, quanto pela pesquisa historiográfica é um ponto importante para o entendimento da situação que corroborou para a frustração do elemento surpresa que era tão fundamental para a revolta.

Tanto pelo ponto de vista da literatura, quanto pela perspectiva da história é possível abordar múltiplas questões sobre este acontecimento das denúncias. Na percepção literária a denúncia é abordada retratando a briga entre Sabina da Cruz e Victório Sule, que é um dos líderes religiosos da revolta “Nicobé (ou sule) aparece no depoimento de um outro escravo João, como o ‘capitão deles todos’ durante a celebração do *Lailat al-Miraj*, em novembro de 1834. Era realmente importante no esquema rebelde.” (REIS, 2003, p.298).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra literária *A Noite dos Cristais* colabora em suas peculiaridades e elementos subjetivos para se analisar o evento histórico da Revolta dos Malês. A obra literária se constitui como mais uma, entre tantas outras fontes que nos possibilita analisar e compreender as nuances do cotidiano da cidade de Salvador e algumas estruturas sociais do Brasil oitocentista que influenciam a obra.

A obra literária se atenta aos momentos cruciais da revolta para tecer sua narrativa, e esse ponto da frustração do elemento surpresa é crucial para entender que o levante tinha um rumo a seguir para ser a Noite dos Cristais, como uma forma de inversão da ordem escravista, destruindo símbolos do poderio escravista. Mas essa busca pela liberdade religiosa e material, foi frustrada e o cenário ao fim da Revolta foi de uma derrota brutal e sanguinária, que é descrita pelo autor da obra literária e detalhada historicamente por João José Reis, que aponta o desfecho da batalha e as punições aplicadas. Assim, a Noite dos Cristais aponta para um caminho de reflexão sobre as brutalidades do sistema escravista e para os danos causados no cotidiano de Salvador e do Brasil após a Revolta dos Malês em 1835.

## Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, 9ª edição revista pelo autor, Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro, 2006.

COSTA, Francisco. Os Cristais de Fulano de Tal. *Revista USP*, São Paulo, n. 43, p. 212-213, 1999.

SANTANA, Luís Carlos de (TAL, Luís Fulano). *A Noite dos Cristais*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANTANA, Luís Carlos de. *Entrevista* disponível em: <https://ruidomanifesto.org/lais-maira-ferreira-entrevista-luis-fulano-de-tal/> (consultado dia 14/08/2022)

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich, BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Discurso na vida e discurso na arte. *Sobre poética sociológica*. Traduzido do inglês: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, 1976.

## DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Lucas Moreira Sampaio Batista, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “A Revolta dos Malês na obra literária A Noite dos Cristais: (1835)” foi integralmente por mim redigido, e que assinei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Assinatura: Lucas M S B